

O FIO DO HORIZONTE, de António Tabucchi:

- Uma leitura

FRANCISCO MANUEL SANTANA DE MATOS *

Para ser lido devagar...

... sentindo!

Arnaldo Saraiva escreveu que o título de um livro é, algum tempo depois, o que resta de uma leitura menos atenta ou o que leva um "analfabeto" a comprar um livro.

Fio do Horizonte, penso e espero, não foi nem será uma coisa ou outra... nem que seja pelas circunstâncias especiais da sua leitura.

Sendo um texto plural, isto é, um conjunto onde tudo significa "sem cessar e várias vezes" ⁽¹⁾, lei-o e, quando o faço, tento interpretá-lo, encontrar os seus múltiplos sentidos. Sei de antemão que muitos ficarão por encontrar pela simples razão de que me esqueço de alguns. Este esquecimento, como refere R. Barthes, não pode ser considerado como um erro porque "é precisamente porque esqueço, que eu leio" ⁽²⁾.

Quantas vezes? As suficientes? Há um número limite? Não sei. Fi-lo por obrigação? Porque tinha poucas páginas? Porque era (in)acessível? Ou porque lê-lo uma vez é não multiplicar a sua polissemia, é não entrar no jogo? Mas eu queria entrar neste jogo, entrando e saindo por qualquer lado do texto.

Apesar de saber que o resultado era imprevisível... fi-lo com lealdade.

Em boa verdade é de jogo que se trata, um jogo "policial", um ballet "gracioso e funesto" do qual desconhecemos "a sintaxe"; um jogo de revela-esconde que não chega a acabar, porque, quase sempre, quando o fim se revela, ficamos perante um novo início.

Spino é "uma personagem que existe para com ela desempenharmos um papel de cumplicidade que assegure a troca ininterrupta de códigos" ⁽³⁾.

* Docente do Ensino Secundário, Lisboa

Como personagem "detective", busca as pistas e segue-as umas após outras, numa sequência aparentemente lógica, com o intuito de resolver o mistério... que fica por resolver. Outras pistas, como a inscrição na aliança "Pietro 12.4.39" e a do bilhete de identidade de "I. F. de Turim", logo que são reveladas, imediatamente as abandona, levando-as ao logro do ser e do não ser ao mesmo tempo.

Se seguirmos pela pista de que Spino é "abreviação de Spinoza, filósofo..." poderemos ler-escrever que toda a procura de "quem é Nobodi?" se torna numa obsessão, numa ânsia incessante de procurar-se a si próprio. É um jogo com as suas emoções - com as nossas próprias emoções - um "quem somos nós para nós?", uma tentativa de libertação, um compreender, afinal, que somos vários "eus" de nós próprios.

Se Spino for um sonhador "revolucionário em Maio de 68" que guarda características desse período, mas que o tempo e o percurso da vida fizeram acalmar, teremos de ter sempre presente que foram sonhos que não se realizaram e que continuam no limiar do talvez possível. Então "o sujeito limita-se a olhar, impotente, os desígnios de um acaso que o transcende... é mero espectador desse espectáculo em que é personagem como se não houvesse um exterior do palco" (4).

E o cinema, a Virgínia Mayo, Bogart que Sara detesta, Kim Novak por quem Spino se apaixonou, Mirna Loy, **Derradeira Vitória** (porque não **Casa Blanca?**), **Ter ou não Ter** surgem como rumores de um filme "que também ele estava a viver" (p.76) como actor do seu próprio argumento repleto de névoa e de imagens difusas.

Quando Spino amplia a fotografia encontrada no corpo de "ninguém" "os contornos pareciam custar a delinear-se como (se) uma realidade passada... resistisse a ser ressuscitada..." (p.46).

Esta dificuldade aparente como que impede a intromissão, o desvendar de intimidade, um segredo que se quer bem guardado ou questionado?

Barthes refere que "a descrição de uma fotografia é literalmente impossível" (5), pois temos sempre que acrescentar, modificar, dar-lhe significados outros, diferentes dos que mostra. E isso só é possível olhando-a de lado, e é de lado "através do vidro do jarro (que) onduladas... as letras do jornal... dizem: Sur".

E, como num golpe de mágica, dá-se a revelação... Argentina em que Sara sonha há dez anos. Porquê América do Sul? Porquê o tango "por una cabeza"? Apenas por saudosismo? Porquê viagens transatlânticas dos anos trinta? Ano de Carlos Gardel? Porquê toda esta "mise-en-scène"?

Porque a Argentina fica para lá do horizonte? E é para lá desta linha, em lugar nenhum, que está a resposta "quem és tu para ti"?

Para cá do horizonte veio Carlo à procura de si e, num gesto de perfeito nexo, tinha "encontrado um modo de desenhar a trama".

Que trama?

E a gaivota em terra, presságio de mau tempo, que tetricamente encontra no cemitério?

E inscrições "verdadeiras" traduzidas do grego em túmulo de anjo e coruja?

E a procura de uma família para um morto? Não é possível o culto dos mortos só com a existência de um corpo? E esse culto não é impossível havendo um corpo sem família?

Não é isto tudo um ballet "*gracioso e funesto*"?

No bailado d'O Lago dos Cisnes, não são os cisnes bons e os cisnes maus ambos graciosos? Mas não são os cisnes negros funestos na sua significância?

Quando nos dá a notícia do jornal onde Corrado trabalha, não está a apresentar-nos com uma realidade que nos ilude?

Como o luar?

Ou quando está prestes a solucionar o problema "detectivesco" encontra nada e ao mesmo tudo?

Não é este um texto onde não há um sentido literal, onde tudo se constrói e ao mesmo tempo se desfaz?

Não é isto tudo um logro? E, por isso, uma festa?

E a partir de agora não há outra alternativa senão o silêncio

... *em alegre suspensão.*

NOTAS

(1) BARTHES, Roland, S/Z, Ed. 70, Colc. Signos 26, Lisboa, 1980, p.17.

(2) Ibidem.

(3) BARTHES, Roland, S/Z, Ed. 70, Colec. Signos 26, Lisboa, 1980, p.1

(4) GUERREIRO, António, "Uma literatura exasperada", Expresso, Lisboa, 5.11.88, p.51-R.

(5) BARTHES, Roland, O óbvio e o Obtuso, Ed. 70, Colec. Signos 42, Lisboa, p.15.

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland; *Lição*, Ed. 70, Colec. Signos 21, Lisboa, 1988.

BARTHES, Roland; *O Óbvio e o Obtuso*, Ed. 70, Colec. Signos 42, Lisboa.

BARTHES, Roland; *O Prazer do Texto*, Ed. 70, Colec. Signos 5, Lisboa, 1988.

BARTHES, Roland; S/Z, Ed. 70, Colec. Signos 26, Lisboa, 1980.

GUERREIRO, António; "Uma leitura exasperada", *Expresso-Revista*, Lisboa, 5.11.88.

TABUCCHI, António; *Fio do Horizonte*, Quetzal Editores, Lisboa, 1987.

J.V.

Tão simples... tão Xerox!



Novos Produtos Rank Xerox.

A Rank Xerox oferece soluções simples às necessidades mais prementes dos seus Clientes. Soluções que passam por produtos de características inovadoras, de fácil operação e manutenção, robustos e fiáveis.

Copiadores e impressoras, de grande porte, pessoais ou de grandes formatos, a preto e

branco e a cores, faxes de papel comum ou térmico, scanners, redes, computadores profissionais, estações de trabalho, software, etc. A Rank Xerox oferece-lhe integração total - de uma forma prática, funcional, produtiva e económica. Afinal, tudo é tão simples quando é Xerox.



THE
EUROPEAN QUALITY
A·W·A·R·D

X Distribuidor
Autorizado
Rank Xerox

BEJA EVORA PORTALEGRE